

A TARDE — QUARTA-FEIRA 29 DE DEZEMBRO DE 1965

Walter Silveira Editado

CARLOS COQUELHO

Já se vão muitos anos — mais de uma década — quando fui convidado por Walter da Silveira a participar de um movimento cultural que a princípio não percebi muito bem, nem avaliei quanto serviço viria a prestar à Bahia. Tratava-se de fundar na província um Clube de Cinema. Anísio Teixeira era Secretário da Educação e proporcionou a sala da Secretaria com as máquinas de 35 milímetros e lá exilimos para um público curioso “Os visitantes da Noite”

Dai por diante foi uma sequência de filmes de arte, quase todos europeus, que nunca tiveram casa exibidora em Salvador.

Apodaram o Clube de tudo, mas a instituição foi florescendo, o quadro social aumentando e houve época em que ultrapassou um milhar de socios.

As vezes as exibições eram de filmes de 16 milímetros e o bom Rômulo de Almeida, paraibano de boa cêpa, bacharel como o economista baiano, era o encarregado da projeção, que fazia com toda atenção, interesse e algumas pilulas de calmante, durante as sessões, quando havia muito galho por quebrar.

Walter preleccionava antes da projeção. Ensinava a se ver o filme como obra de arte. A fofoca corria solta. As vezes transbordava, e era um caso a mais que vinha à tona nas aca-loradas reuniões da Diretoria, ou até mesmo nas sessões plenárias. Tudo questão de muito interesse pela cultura, ou alguma disputa filosófica, que acabava com muita citação, muita erudição, mas o amor pelo Clube era igual e o movimento prosseguia. Não fôsse o Clube de Cinema que Walter idealizou e criou e o público baiano ainda não teria aprendido o gosto pelo filme de arte.

Fizemos um festival memorável. Simões Filho era ministro. Deu-nos um avião especial para trazer-mos — imaginem — Vinícius de Moraes, Salvianno Cavalcante de Paiva, Alex Viany, Alberto Cavalcante. A inteligentzia baiana compareceu em peso. Walter brilhava sempre. Via-se a bom ver, que os ao sul não tinham nada para lhe ensinar, em matéria de cinema, cuja crítica militante professava nos jornais da terra.

Advogado culto e combativo, que vive essencialmente da profissão abraçada, ator de pouca promessa, mesmo assim portador da “Palma d’Or” (“Pagador”), é um erudito em coisas de literatura e arte

— sobremaneira a “sétima Polêmica” como poucos, sobretudo quando o fair play não está no ponto. Walter é uma personalidade querida nos meios intelectuais da Bahia. O movimento de que resultou o chamado cinema novo muito lhe deve. Foi o seu exemplo que espicou talentos como Glauber Rocha, Gilberto Gil, Rex Schindler e outros.

Amadureceu o livro es-perado, que agora desova, nesse fim de ano, quando já se acha inscrito para a Academia Baiana de Letras, que merece como poucos e onde, segundo Rubião Braz, “vai ser um imortal de fita”. Lá vai agora ser autor e bom, sobre a especialidade que é sua como de pouca gente de gabarito que escreva cinema neste país.

Que os ventos da glória o tanjam rapidamente ao cenáculo da vetusta e imortal Academia de Letras da Bahia, para honra e glória nossa, notadamente os mortais que com ele embarcaram no Clube de Cinema, numa viagem redonda sem fim, que até hoje se prolonga.